

SEM TEMPO PARA BRINCAR? ATIVIDADES EXTRACURRICULARES¹

NO TIME FOR PLAYING? CHILDREN WHO HAVE EXTRACURRICULAR ACTIVITIES

**Danielle Heberle Gastmann², Luciana Tatiane Schneid Ferreira²,
Patrícia de Moraes Silva², Simone da Cruz Dummel² e
Fernanda Pires Jaeger³**

RESUMO

Atualmente, o excesso de atividades extracurriculares é frequente na rotina de muitas crianças pertencentes à classe média e classe média alta. Considerando a importância desse fato para o desenvolvimento das crianças, o objetivo no estudo foi conhecer quais as conseqüências que a quantidade de atividades traz para a vida da criança, bem como identificar se essas atividades interferem no brincar destas; e compreender quais as razões que as levam a realizar essas atividades. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com caráter exploratório. Utilizou-se como instrumento entrevistas semi-estruturadas. Participaram dessa pesquisa três crianças do sexo masculino com idades entre oito e nove anos. Os resultados demonstram que, embora as crianças realizem diferentes atividades extracurriculares, essas não reduzem o tempo das brincadeiras. As famílias tendem a incluir as crianças em atividades que sejam importantes para o seu futuro. Parece não haver um prejuízo para a criança a realização de duas atividades além da escola. Entretanto, a natureza da atividade e a sua identificação da criança parecem ser elementos fundamentais para que ela não se torne um problema.

Palavras-chave: crianças, atividades extracurriculares, brincar.

ABSTRACT

Currently, the excess of extracurricular activities is frequent in the routine of many children belonging to middle class and high middle class. Considering the importance of this fact for the development of children, the goal of the study was to understand what consequences a certain amount of activities brings to the lives of children, as well as, to identify if these activities interfere in their playing and

¹ Trabalho de Iniciação Científica - PROBIC.

² Acadêmicas do Curso de Psicologia - UNIFRA.

³ Orientadora - UNIFRA.

to check what reasons take them to perform these activities. This is a qualitative research with an exploratory feature. Semi-structured interviews were used with several questions. Three male children participated, with ages from eight to nine. The results demonstrate that although the children perform different extracurricular activities, these do not reduce playing time. The families tend to put children in activities that are important for their future. It does not seem to represent any loss for the children the fact that they have two activities besides school. However, the nature of the activity and the child's identification with it seem to be fundamental elements so that they do not become problems.

Key words: *children, extracurricular activities, to play.*

INTRODUÇÃO

As constantes transformações na sociedade contemporânea têm sido determinantes para mudar a realidade e o ritmo de vida das pessoas. As crianças também são constantemente atingidas por esse novo cenário, sendo encaminhadas cada vez mais cedo para assumirem compromissos e atividades que lhes “preparam” para a vida adulta.

Nesse sentido, é fundamental a criação de espaços de reflexão sobre a infância, sua configuração na atualidade e desafios que se colocam a partir desse contexto. É crescente o número de crianças que têm sido atingidas por essa situação. Assim, algumas crianças apresentaram um número elevado de atividades extraclasse que ocupam grande parte de seu dia. Isso resulta, por vezes, em pouco tempo para práticas de atividades lúdicas.

Na pesquisa, buscaram-se conhecer quais as conseqüências que a quantidade de atividades traz para a vida das crianças, bem como identificar se essas atividades interferem no brincar destas; e compreender quais as razões que as levam a realizar essas atividades.

Na época medieval, segundo Áriés (1981), não existia um conceito de infância que diferenciasse a criança dos adultos, desse modo, as crianças eram vistas como adultos em miniatura, tendo que usar roupas e possuir atitudes semelhantes a dos adultos, não sendo esperados comportamentos “infantis”.

De acordo com Müller e Morelli (2002), na França, o período marcado pelo trânsito da vida gregária para a vida privada coincidiu com a utilização do termo infância relacionada à criança. Nesse período, as crianças têm um contato direto com a morte devido às más condições de higiene, falta de informações, à miséria, doenças ou maus tratos, além do fato de que muitos adultos as matavam mesmo que não explicitamente, não demonstrando culpa, pois a igreja, poder político e econômico da época, “as

considerava como algo inacabado, pecadoras enquanto não fossem batizadas”

As autoras afirmam também que, no decorrer da história, o espaço e o tempo das crianças foram sendo preenchidos com ocupações diversas, as quais eram escolhidas e planejadas de acordo com a faixa etária, o sexo e a condição social. A criança era pensada para o futuro. Acrescentam ainda que, no Brasil, no século XVIII, os senhores de engenho tinham a última palavra, até mesmo sobre os filhos de seus servidores. Nesse período, o modelo patriarcal era o que imperava como modelo de autoridade. Entretanto, já existia o modelo de família matriarcal, principalmente na Região Nordeste do país. Isso ocorria devido à existência de lares com maridos ausentes, companheiros ambulantes, fazendo com que as mulheres fossem provedoras do sustento da família. As crianças têm seus cuidados divididos entre comadres, vizinhas e familiares, circulando entre as casas dessas. As mulheres negras, no período de fertilidade, eram consideradas uma das partes mais produtivas da propriedade, pois possuíam o “ventre gerador”. Havia uma clara diferença no tratamento das crianças, os filhos de brancos eram tratados por sinhozinhos ou sinhazinhas, o diminutivo de senhor, já os filhos dos negros eram tratados por moleques que, no dicionário de 1731, significava indivíduo sem palavra, gozador, ou seja, eram tratados como seres sem valor.

Para Elkind (2004), a infância obteve reconhecimento cultural como importante fase do desenvolvimento e um reforço social com o estabelecimento da psicologia infantil como uma disciplina científica no final do século XIX. Da mesma forma que o conceito de família, a concepção de infância é uma criação moderna. Surgiu a partir de uma convergência de transformações que passaram a ocorrer em nosso mundo.

Para o desenvolvimento do conceito de infância, contou-se com a contribuição, principalmente, dos gregos. Enquanto os romanos mostraram forte influência no desenvolvimento da escola e da noção de vergonha, elementos fundamentais, que complementaram a idéia da infância. Além disso, as comunicações, que eram feitas face a face, passaram a ser feitas de outra maneira com a aquisição da escrita e da leitura. Com o desenvolvimento da linguagem escrita, estabeleceu-se uma fronteira entre o mundo da criança e o mundo do adulto. Assim, a partir disso, surgiu a necessidade de as crianças serem preparadas para o mundo adulto (POSTMAN, 1999).

Assim, muitas mudanças passaram a acontecer na vida das crianças. Ao mesmo tempo em que lhes é dado um lugar diferenciado na sociedade, a necessidade de preparação para a vida adulta lhes atribui novos compromissos e responsabilidades. Hoje observamos que elas tornaram-se

vítimas involuntárias e não-intencionais de um intenso estresse. Há muita expectativa e cobranças em relação ao seu futuro (ELKIND, 2004).

O autor afirma ainda, que a criação de um filho envolve preocupações que geram estresse. Ao tratarem as crianças como adultos, os pais acabam pressionando-as para crescerem, pois esperam com isso a diminuição de uma parte das preocupações e ansiedades, bem como contar com a ajuda dessas para diminuir esse estresse. Esses pais não notam que prejudicam seus filhos com essas atitudes, pois acreditam que é benéfico para eles amadurecer mais rápido. Entretanto, acabam prejudicando-os com esse excesso de responsabilidade que lhes atribuem desde a infância. Entre as pressões sofridas pela criança, a principal delas é a de uma aquisição intelectual precoce que surge de uma visão alterada de precocidade. Esta se iniciou na década de 1960, onde profissionais e semiprofissionais instruíam os pais a não começarem a ensinar seus filhos enquanto pequenos, pois assim, elas seriam prejudicadas em sua aprendizagem.

Outra evidência, destacada pelo autor acima, refere-se à pressão social para um crescimento rápido das crianças através do vestuário. Atualmente, estão sendo produzidas versões em miniatura de roupas de adultos para crianças. Estas, ao se vestirem como adultos, estão mais propensas a se comportarem como tal, imitando suas atitudes.

“É mais difícil hoje reconhecer que as crianças são crianças, e não adultos em miniatura, porque as crianças se vestem e se movem como adultos” (ELKIND, 2004, p.34).

O Estatuto da criança e do adolescente, no Artigo 2- “Considera-se criança, para os efeitos desta lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos e, adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade”.

O ECA garante à criança o direito à liberdade, incluindo nele: brincar, praticar esportes e divertir-se, também lhe é garantido, de acordo com o artigo 71, o direito à cultura, informação, lazer, esportes, diversão, espetáculos e serviços que respeitem sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento.

As crianças e os adolescentes são “... sujeitos de direitos civis, humanos e sociais...” (ECA, artigo 15, p.110)

“O estatuto da criança e do adolescente estabelece, assim, a mudança da abordagem assistencialista para um enfoque emancipador no atendimento de quem está privado de direitos. O que conta é o *direito e dignidade* e não a generosidade demagógica, favores e submissão” (ECA, p.112).

Müller e Morelli (2002) afirma que graças ao Estatuto da criança e do adolescente, temos a concepção de “criança cidadã”, sujeito de direito, com necessidades especiais em função de sua fase de desenvolvimento.

Agora a responsabilidade pela a formação e cuidado das crianças é de dever não só dos pais, mas também da comunidade, da sociedade e do poder público. Assim, torna-se necessário a existência de instituições competentes que propiciem a criança oportunidade de se desenvolver em vários aspectos. Esse desenvolvimento implica no acesso à cultura, em diferentes formas e níveis, na possibilidade de brincar e ter tempo livre.

Segundo Vasconcellos (1999), devido às rápidas transformações sociais e à aceleração da vida moderna não se está respeitando o ritmo do desenvolvimento próprio de cada criança. Há uma tentativa de aceleração de sua aprendizagem e, conseqüentemente, de sua maturação, situação essa que pode acarretar perturbações em seu psiquismo. Atualmente, o mundo está repleto de pequenos executivos, com a agenda lotada de atividades. Estes são conduzidos por pais apressados, os quais têm imensa satisfação em exibirem suas crianças precoces a uma sociedade que subverteu os valores e aplaude o sucesso profissional e intelectual em detrimento da realização pessoal. A mídia dita e estimula o exibicionismo.

A autora citada também comenta que as famílias atuais exigem muito de seus filhos, pois desejam conquistar o que eles não conseguiram alcançar. As famílias brasileiras investem, especialmente, na aprendizagem escolar dos filhos exigindo um bom desempenho desses e qualidade das instituições escolares. A autora relata o caso de um menino de sete anos, o qual chegou ao consultório com a queixa de hiperatividade, problemas na escola porque só queria brincar o tempo todo. Após a análise de seu caso, constatou-se que ele apresentava a rotina de um pequeno executivo, com uma agenda, na qual ficava evidente o excesso de atividades extracurriculares: aulas de japonês, inglês, francês, judô, natação, piano, basquete, computação. Desse modo não sobrava tempo livre para brincar, utilizava, então, o horário escolar para descarregar suas tensões e angústias. Acrescenta ainda a importância do brincar para a criança, pois é por meio desse que ela expressa e elabora seus conflitos e situações emocionais traumáticas, ao dramatizar, revivenciar e aprender a lidar com seus sentimentos, como o amor e o ódio. O brinquedo é um precursor do trabalho.

MÉTODOS

A presente pesquisa insere-se num paradigma qualitativo com caráter exploratório, com a participação de três crianças do sexo masculino entre oito e nove anos que praticam no mínimo duas atividades extracurriculares, estudantes de escolas privadas. Os tipos de atividades extracurriculares que as crianças relataram nas entrevistas são: curso de inglês, escolinha de futebol, tênis, kumon, natação.

Como instrumento para a coleta dos dados, utilizamos entrevistas semi-estruturadas com questões que nortearam o seu desenvolvimento e realizadas com as crianças, além de uma conversa com seus pais.

Foi solicitado a uma escola de inglês a contribuição através de indicação de crianças que realizassem, no mínimo, duas atividades extracurriculares. Dessa maneira, essa escola, após o consentimento das mães, forneceu o telefone dessas para que pudéssemos entrar em contato. Explicamos nossos objetivos a elas, que concordaram com a realização da pesquisa.

Assim, foram marcadas as entrevistas com as crianças após as mães terem assinado o consentimento livre e esclarecido. Foi realizado um *rapport* e convidadas as crianças a participarem. Durante as entrevistas, os tópicos mais relevantes para os objetivos da pesquisa foram anotados.

RESULTADOS

A partir da realização das entrevistas, foram criadas quatro categorias de acordo com as respostas dos participantes, sendo elas: motivo da realização das atividades, desistência das atividades, tempo livre e frequência com que brinca.

Na categoria, “motivo da realização da atividade”, verificou-se que apenas uma das atividades é realizada pela imposição dos pais. Como se pode observar na fala de dois dos entrevistados:

“Meu pai disse que é pra mim fazer inglês porque é importante para o meu futuro. V. (8 anos)”

“A mãe disse que pra mim fazer tênis porque meu pai gosta de jogar e o inglês por ser importante.” C. (9 anos)

Já na categoria desistência de atividades, demonstrou-se que, quando a desistência ocorreu, foi devido ao cansaço e falta de tempo. Isso se evidenciou em duas falas dos entrevistados;

“Desisti do *jump* e do judô porque tava cansado.” V. (8 anos)

“Deixei o espanhol e o kumon porque não dava tempo pra tudo.” C.(9 anos)

Na categoria tempo livre, buscou-se verificar se as crianças dispunham de tempo para brincar. Foi observado que, sempre que havia esse tempo, as crianças o utilizavam para essa atividade, como se destaca nas seguintes falas;

“Eu brinco de várias coisas.” M. (8 anos)

“Brinco e olho TV.” V. (8 anos)

“No meu tempo livre, olho TV e, nos finais de semana, eu brinco o dia todo.” C. (9 anos)

A última categoria foi quanto à frequência com que brincam, na qual buscou-se averiguar se a criança dispunha de tempo suficiente para brincar. Isso se evidenciou na falas dos participantes;

“Eu brinco praticamente todos os dias : quatro dias sim e um não.”
M. (8 anos)

“Eu posso brincar depois que termino os temas...ah eu brinco também no recreio do colégio por uns 20 minutos .” V. (8 anos)

“Durante a semana eu só olho TV e, nos finais de semana, brinco com meus amigos o dia todo.” C. (9 anos)

Discussão dos resultados

As três crianças entrevistadas realizam pelo menos uma das atividades por escolha e/ou imposição dos pais, sendo inglês a principal delas. Isso pode ser observado no caso de V., o qual realiza inglês por recomendação do pai que argumenta ser importante para o seu futuro. Isso também ocorre com o menino C. No entanto, para o menino M., as atividades apesar de aconselhadas pela mãe são prazerosas.

Isso vai ao encontro da afirmação de Vasconcellos (1999) de que nossa sociedade subverteu os valores e prioriza o sucesso profissional em detrimento da realização pessoal. Acreditamos que essas concepções da sociedade atual são decorrentes de uma competitividade exacerbada, com a necessidade de uma grande especialização para se ter uma chance de inserção, no futuro no mercado de trabalho.

Outro ponto observado é que as crianças entrevistadas mostraram preferência para as atividades físicas como: tênis, natação e futebol ao invés das atividades intelectuais.

Cabe destacar também que, no caso do menino C., foi claramente observado que o brincar dele é muito reduzido e até mesmo prejudicado, mas não podemos afirmar que isso é ocasionado por ele apresentar o maior número de atividades. Outro fato que deve ser considerado é o local em que o menino mora, uma madreira, o que interfere na brincadeira por ele não ter livre acesso ao pátio (visto que o pátio contém serras e materiais perigosos que podem causar acidentes quando não manuseados corretamente), bem como o fato de morar afastado do círculo de amigos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apartir da realização da pesquisa, foi possível observar a importância e a complexidade que o fenômeno apresenta, pois muitos fatores precisam

ser considerados para que se tenha uma maior compreensão da problemática. É necessário destacar que, por tratar-se de uma pesquisa qualitativa, as considerações aqui feitas não podem ser generalizadas, mas possibilitam algumas pistas para o entendimento da situação.

No que diz respeito às conseqüências que a quantidade de atividades traz para a criança não as identificamos como prejudiciais a realização de duas atividades além da escola, uma vez que elas conseguem brincar em diferentes momentos do seu dia, aproveitando esses espaços também como espaços de lazer e diversão. No entanto, com relação à prática de mais de duas atividades não podemos afirmar que não seja prejudicial, visto que dois dos meninos entrevistados (meninos V. e C.) desistiram de outras atividades por se sentirem sobrecarregados.

Com relação ao menino C., que realiza três atividades, não podemos afirmar que o número reduzido de tempo da brincadeira é decorrente só das atividades, mas pode ter a interferência de outros fatores. Em relação a essa questão parece que a natureza da atividade e a identificação da criança com ela parecem ser elementos fundamentais para que ela não se torne um problema, bem como para que possibilite momentos de prazer e crescimento.

O fato de as crianças terem momentos para brincar durante a semana e final de semana não garante que elas tenham espaços qualificados para brincar. É evidente que o espaço físico e a oportunidade de brincar com outras crianças podem determinar a freqüência e o tipo de brincadeira da criança.

A principal razão para que as crianças passem a realizar essas atividades extracurriculares consiste na preocupação dos pais e mães com o futuro da criança. Mas e o presente? Muitas dessas atividades parecem preencher o tempo dessas crianças e levá-las a aprender coisas novas que lhe propiciarão maior qualificação para competir num mercado de trabalho no futuro. No entanto, será que essas crianças estão tendo oportunidade para terem infância?

Sabemos que ser criança não significa ter infância, mas que essa é imprescindível para que ela tenha um bom desenvolvimento nos diferentes aspectos: biológico, psicológico e social. É necessário que tenha tempo para responsabilidades e também tempo livre para brincar, conviver com as pessoas da família ou amigos, para fazer coisas que goste. Isso certamente a ajudará a ter um futuro promissor e mais saudável.

Outro aspecto que nos chamou atenção, para uma futura pesquisa, foi a relação entre as atividades extracurriculares e a aprendizagem escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÉS, P. História social da família e da criança. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei Federal número 8.069/1990. Santa Maria: Pallotti, 2003.

ELKIND, D. Sem tempo para ser criança: A infância estressada. 3 ed. Porto Alegre: Art méd. 2004.

MÜLLER V.; MORELLI A. Crianças e adolescentes: A arte de sobreviver. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2002.

POSTMAN, N.. O desaparecimento da infância. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

VASCONCELLOS in KREBS; COPPETTI; BELTRAME et al. Perspectiva para o desenvolvimento infantil. Santa Maria: SIEC., 1999.